



Somos poder*

Dom Sebastião Gameleira*

“Entre vós tem de ser diferente;
quem quiser ser grande entre vocês, seja o servo;
e quem quiser ser o primeiro entre vocês,
seja o servo de todos”
(Mc 10.43-44)

1. Se tratamos do poder, a primeira coisa a pensar é a seguinte: o poder não é algo que se tem. Antes, é algo que se é. Nós somos poder. O poder é dimensão do ser. A realidade é sempre afirmação poderosa de si mesma. Poder é a capacidade que a realidade tem de ser e de desenvolver-se. É o ser em sua capacidade ativa de ser. Poder é, assim, capacidade de ação através da qual o ser vai realizando a si mesmo, construindo-se e modificando a realidade a seu redor. É “autoridade”, isto é, ser autor, fazer crescer a si próprio.

2. Desse modo, o fundamento do poder é a capacidade de ser, é ser capaz. A partir de suas múltiplas capacidades, o ser se faz *possível*. Ou seja, nas suas capacidades, fundam-se as possibilidades de ser. Possível, *possibilidades*... estamos aqui no vocabulário do poder. **Poder** é ser possível, é estar ativamente frente a múltiplas possibilidades pela capacidade de concretiza-las. Ou seja, ser é existir como capaz de ser, é ser ou tornar-se possível a partir de múltiplas capacidades intrínsecas ou de outras surgidas pela combinação dessas com as do meio ambiente.

3. Assim, só existe ser enquanto ser poderoso, exercício de poder, realização de possibilidades. **Ser** é sempre **poder**. Por isso, o poder não é opção ou escolha: é, simplesmente, dimensão coextensiva e simultânea ao ato de ser. Negar a si ou a outrem o poder é, na verdade, ferir no próprio ser, impedir de ser, excluir da realidade, exterminar, matar. Proibir só tem algum sentido como processo pedagógico na caminhada experiencial em vista da construção do ser, guiando-o em direção a opções que levem a maior plenitude.

4. Nos seres vivos, isso é ainda mais evidente. Vida é *poder* respirar, mudar, transformar elementos recebidos, crescer, desenvolver-se e até reproduzir-se, multiplicar-se. No caso dos animais, é ainda mover-se, apoderar-se do alimento,

* Este artigo foi publicado originalmente no livro *Ser é poder* (Luiz José Dietrich, org). Porto Alegre, São Paulo, CEBI/Paulus, 2002 (pg. 10-25). É republicado aqui, com autorização e acréscimos do próprio do autor.

* O autor é bispo da Diocese Anglicana de Pelotas



apanhar objetos, corresponder a sentimentos... Nos seres humanos, aparece o poder pensar (apreender, apanhar com a mente, "compreender"), escolher objetos, produzir linguagem e recriar seu mundo pela cultura, cuja matriz é a liberdade, a capacidade de projetar e decidir o que fazer da própria vida.

5. No ser humano, porém, o "poder ser" tem algo de muito especial e único. De um lado, ele percebe que é parte da totalidade natural já dada, é também "coisa" do conjunto da Natureza. Não pode fazer de si o que quiser, pois é "algo" entre outras coisas, com natureza determinada; é "indivíduo" cujas fronteiras estão nitidamente definidas em relação a outras coisas. A mais expressiva manifestação disso é o corpo, com suas formas e limites bem definidos ao lado de outros corpos. Mas, do outro lado, sua percepção, sua consciência – o que chamamos de "espírito" – *pode* saber que entre ele e a realidade se estabelece uma relação de totalidade. Aristóteles dizia que "*anima est quodammodo omnia*", isto é, "a alma (o aspecto racional do ser humano) é, de certo modo, todas as coisas". Ou seja, pela consciência, por sua dimensão espiritual, o ser humano, de certa forma apropria-se de tudo e, assim, pode alcançar a totalidade da realidade, é capaz de abarcar a universalidade. Aliás, uma das grandes discussões filosóficas antigas foi em torno dos "universais", isto é, como o ser humano é capaz de alcançar, pelo pensamento, a realidade sem se deixar prender pelos limites das particularidades de cada coisa, sem se deixar impedir pelas fronteiras da individualidade.

6. Isso significa, concretamente, que há, no ser humano uma capacidade de *perceber* a totalidade da realidade, a partir da qual ele se move provocado pelo *desejo* de assimilar em si mesmo o conjunto da realidade, desejo que se concretiza na tentativa real de apropriar-se o máximo possível de tudo o que o cerca.

7. Temos aqui os três níveis do poder:

- a) *Poder em seu sentido intelectual*, quando o ser humano apreende, apanha, agarra a realidade pelo pensamento, pela reflexão, pelo conceito. Conceito é "*conceptum*", isto é, concebido, é o fruto gerado pelo pensamento, resultado do ato (ação) intelectual de assimilar, introjetar a realidade, torná-la própria, e, ao mesmo tempo, recria-la à medida de si mesmo, como *sujeito* que em si mesmo re-presenta a totalidade do real: re-apresenta. *Poder pensar* é o primeiro nível propriamente humano do poder, é ser capaz de recriar a realidade exterior dentro e si mesmo e fazê-la sua à sua maneira. O aprendizado da linguagem, o processo educativo – escutar e proclamar – é o primeiro nível de exercício do poder, da experiência de ser poderoso (aprender e dizer).
- b) *O segundo nível do poder humano é afetivo, é o desejo, o **desejo*** da universalidade, de alcançar a totalidade da realidade. Não basta "apreender" ou "compreender". Desejamos "prender" de fato, agarrar com as mãos e manter conosco, possuir. Se todas as coisas entram em nós pelo pensamento, desejamos que, deveras, sejam em nós. Desejamos, na



verdade, que tudo seja em nós, que tudo o que constitui o mundo e a vida faça parte de nossa própria vida. Em suma, desejamos *ser tudo*, identificarmos com tudo, ter a *posse* de tudo. *Poder é desejar possuir* tudo. Desejamos ser o centro de tudo, o ponto de referência, pois, pela consciência, pela percepção de nossa relação profunda com a realidade, já sabemos que o somos: "a alma é, de certo modo, todas as coisas".

- c) *O terceiro nível é o da ação*. Já que somos "idealmente" a totalidade e desejamos sê-lo "realmente", o que fazemos é atuar para, efetivamente, alcançar, agarrar a totalidade. Pela ação, pelo trabalho, por nossas obras, manifesta-se nossa decisão, nosso querer correspondente a nosso desejo: na verdade, o que queremos é possuir tudo. Poder é poder agir a fim de tudo possuir. *Pode* quem tem a *posse*. Por isso, a expressão típica do poder é a **política**, ou seja, aquele aspecto da vida no qual se formulam as ideologias totalizantes sobre a realidade, as estratégias ou os projetos para alcançar, de fato, o conjunto da realidade e, finalmente, as ações ou táticas concretas mediante as quais se dá a intervenção direta sobre as coisas: a política é a arte de chegar à posse, ao governo das coisas e das pessoas (não esquecer que os seres humanos possuem também uma dimensão de coisa!). Por isso, trata-se sempre de "economia política". É preciso notar que essa relação é complexa, pois as pessoas ultrapassam, transcendem seu aspecto de coisa.

8. Sim, o aspecto econômico, nossa relação concreta de apropriação das

coisas, é a expressão evidente de nosso poder, de nossa capacidade de abarcar, de trazer para nós a totalidade do real. Por isso, a posse é insaciável, pois, na verdade, não pensamos, nem desejamos só algumas ou certas coisas, mas *todas* as coisas. Queremos que nosso corpo se alargue e se identifique com a totalidade. Parafraseando Aristóteles, também é verdade que toda ação humana é motivada pelo desejo de que "o corpo seja, de certo modo, todas as coisas". É assim mesmo que agimos no quotidiano ("corpo") de nossa vida através das relações com as pessoas (o aspecto erótico do corpo) e com as coisas (o aspecto econômico do corpo): através da "reprodução" e da "produção", a pessoa "se produz". As intuições e análises de Karl Marx acerca da importância do aspecto econômico da vida continuam a ser muito úteis para ajudar-nos a perceber que o sentimento de posse marca radicalmente toda nossa relação com as coisas e as pessoas. Por seu lado, as análises de Freud nos ajudam a perceber melhor o aspecto erótico do corpo também como dinamismo radical que marca nossas relações com a totalidade do real. Aliás, essas duas dimensões são intuídas nitidamente pela profecia bíblica. Vejam-se, por exemplo, Amós, particularmente atento ao aspecto econômico, e Oséias, ao aspecto erótico.

9. Há, porém, um passo extremamente delicado a dar. É que a consciência também percebe outro aspecto desse tríplice dinamismo do poder. Se, de um lado,



pensamos, desejamos e agimos no sentido de possuir todas as coisas, o equivalente a ser todas as coisas, a ser o todo, do outro lado, percebemos nosso limite.

Primeiro, percebemos nossa incapacidade de identificar-nos com a totalidade. Muitas coisas sempre nos escaparão. Se, por um lado, sentimo-nos centro de tudo e com a capacidade de ultrapassar todas as coisas particulares, o que é nossa capacidade de transcendência, por outro lado, sabemos muito bem que, como ser particular e individual, o ser humano é apenas *uma coisa* dentro do conjunto da totalidade das coisas, uma coisa ao lado de tantas outras coisas. Não é o Ser, é apenas um *ente*, algo que não “é” totalmente, mas “está sendo” aqui e agora, só uma das tantas expressões e manifestações possíveis do Ser. Nosso “poder ser” não equivale ao poder do Ser, pois cada ser humano só pode ser, aqui e agora, isso ou aquilo, não pode ser sempre, nem pode ser tudo. É o que os filósofos chamam de contingência e finitude, a impossibilidade de identificar-se com a Realidade. Em cada ser particular, há sempre a dimensão de não ser.

Em *segundo* lugar, ao alcançar as coisas e, assim, construir, pelo pensamento, pelo desejo e pela ação, o “seu” mundo (cultura), o ser humano aplica sua liberdade a determinados instrumentos que já estão previamente dados pela própria cultura ou pela Natureza. Não pode criar, com liberdade absoluta, todos os instrumentos que quer e como quer. Há instrumentos que impõem sua “lei”, dada sua natureza própria. Tal pode ser seu *poder* que dominam a liberdade. É outro aspecto do limite do poder. Em Rm 7, o Apóstolo Paulo fala precisamente disso.

Em *terceiro* lugar, ao perceber que a seu lado existem outros seres humanos, cada ser humano sente que não é o centro exclusivo da totalidade, que seu dinamismo de poder, naquela tríplice dimensão já mencionada, não é único. Há, na verdade, inumeráveis outros centros vivendo a partir da mesma motivação. Ou seja, cada qual não apenas é uma coisa determinada entre tantas outras, mas também não passa de um centro entre tantos outros. Essas razões azem chegar à consciência a percepção de nossa limitação e de nossa relatividade. Não somos todo o poder, isto é, não podemos alcançar tudo, não podemos ter a posse de tudo, não podemos ser tudo, nem pelo pensamento, nem pelo desejo, nem pela ação. Há outros seres humanos com os quais temos de dividir aquela fatia da realidade, já limitada, que nos é possível abarcar. Aqui está o fundamento dos conflitos de poder. Trata-se de algo nunca resolvido em seu ponto de partida, ou seja, há sempre uma relação de tensão que assumirá ou o aspecto do “diálogo” ou o do “conflito”.

9. Em relação a esse tríplice limite a civilização ocidental tem-se mostrado particularmente problemática. De um lado, é depositária da herança bíblica, é certo, mas, de outro lado, também da tradição racionalista grega. Ao sentir-se o centro da



criação, o ser humano ocidental tem-se comportado de maneira imperial, com pretensões de dominador absoluto de todas as coisas. Hoje estamos cada vez mais conscientes das conseqüências negativas dessa atitude, tanto para a convivência social (injustiça e opressão), como para a própria vida do planeta (problema ecológico). Ter a Razão como a norma suprema, pensemos no entusiasmo do movimento iluminista, é, aparentemente, situar-se no horizonte mais universal, pois a razão é capacidade de ultrapassar as contingências da realidade concreta e particular para identificar-se com a totalidade dos seres e alcançar o Ser. Só que a Razão não existe em si mesma, mas unicamente em cada ser humano individual. A chamada Razão são, de fato, as razões de cada qual. Ora, a tentação é identificar a própria razão particular com a racionalidade universal. Por isso, a centralidade da razão facilmente degenera em racionalismo, e o racionalismo é, necessariamente, individualista e imperialista. A razão particular tende a impor os próprios interesses pessoais, de grupos ou de nações, por meios nada racionais, como a opressão econômica, a pressão política, a violência e a guerra. É o que temos visto no colonialismo e nas várias etapas do capitalismo mercantil, industrial e financeiro.

O antropocentrismo tem de manter-se permanentemente em relação dialética com o que se poderia chamar de biocentrismo. O ser humano tem de acolher com alegria e gratidão a universalidade da vida, todos os seres que o rodeiam, o geram e o regeneram. Sim, pela consciência "somos de certo modo todas as coisas", mas, na realidade, estamos em universal articulação, de certo modo horizontal, não hierárquica, com todas as coisas. Sim, é verdade, pensamos a totalidade, desejamos a totalidade, buscamos atuar sobre a totalidade, mas, ao mesmo tempo, somos apenas uma partícula do universo, como nos lembram de maneira tão expressiva o profeta Isaías e os Salmos da Bíblia. Se as coisas são instrumentos para a construção de nosso ser (economia), nós também somos instrumentos para mantê-las e, sobretudo, transformá-las, o que exige aprender suas leis e observá-las (ecologia), sob pena de pormos em risco a vida e provocarmos o desastre.

Nosso sentimento mais profundo tem de ser a com-paixão, sintonizar, sentir o pulsar das coisas, escutar com o coração as razões de todos os seres. Desse sentimento é que brota nossa tarefa de vida: cuidar de todas as coisas, sermos jardineiros e jardineiras da vida, como Deus, "o amigo da vida" (Sb 11, 26). E estar em diálogo entre nós, com a aguda consciência de que nosso poder só é humanizante se exercido em comunhão. É essa a perspectiva da Bíblia já em suas primeiras páginas: o ser humano é ADAM, isto é, terrestre, produzido por ADAMAH, a terra. São como o pólo masculino e o feminino de relação matrimonial cósmica. E homem e mulher são também os dois pólos de um único ser em diálogo, que só em conjunto, como as duas metades do céu, no dizer dos orientais, formam a imagem de Deus¹.

¹ Tratei mais longamente desse aspecto em artigo com o título "Reinventar a Vida", publicado por Partilha Teológica - A Missão da Perspectiva de Lambeth. Porto Alegre, CEA, 1999.



10. Esse é um aspecto particularmente crítico. De um lado, temos a consciência de poder (ser). Do outro lado, temos a consciência de não poder (não ser). E aqui, misteriosamente, acontece uma bifurcação. A outra pessoa pode ser sentida como alguém com quem compartilho o poder, a partir do sentimento tranqüilo de que a mim me cabe só uma parte, e isso é minha verdade existencial. Ou seja, sinto que, dada a realidade de meus limites, só serei capaz de alcançar um raio mais amplo da realidade pela mediação de outros seres humanos, que, com suas diferenças (alteridade), me completarão e me farão mais pleno. Sua existência a meu lado é, então, assumida como condição para que minha existência se amplie ainda mais. Assim, são os outros seres humanos que me constituem em maior plenitude. Isso quer dizer que as outras pessoas não são sentidas apenas como estando a meu lado, como que me lembrando permanentemente do meu limite, mas são assumidas como constitutivas de minha própria plenitude humana, como dimensão interior de minha própria pessoa. A dimensão coletiva, por conseguinte, é percebida e aceita como constitutiva de minha própria identidade pessoal. Serei mais, *poderei* mais à medida que me abrir e acolher as outras pessoas em mim. É o que nos ensina a mais elementar psicologia.

11. Mas também é possível uma outra atitude, infelizmente real e muito comum. A percepção dos próprios limites e da própria relatividade pode gerar um sentimento de insegurança e de medo. Se há outros centros vivendo o mesmo dinamismo que eu, sinto-os como concorrentes e temo perder ou não alcançar o objeto de meu desejo. Ora, como o objeto do desejo diz respeito à constituição de meu próprio ser (desejo ser toda a realidade, só assim me completo), temo perder meu lugar na realidade, ser expulso e privado da vida, perder-me temo não ser.

O antropólogo francês, radicado nos USA, René Girard explica isso de maneira muito sugestiva. Afinal, o objeto do desejo é a vida mesma, a totalidade da realidade. Ora, se outrem deseja o mesmo, nasce evidentemente a *disputa*. Os seres humanos somos como irmãos gêmeos, iguais e diferentes ao mesmo tempo, irmãos-inimigos: Caim e Abel, Esaú e Jacó, Rômulo e Remo, Jesus e João Batista, Pedro e Paulo... é como se nos imitássemos ao desejar a mesma coisa. Girard fala do *desejo mimético*, *desejo de imitação*: queremos ser como outrem. Mas, para que uma pessoa possa ser tudo o que a outra é, tem de ser como ela; na verdade, tem de ser ela. Ora, ser outrem é ser em seu lugar, é tomar-lhe o lugar na vida, ou seja, para ser *como* outra pessoa, é preciso arrebatá-lhe o "lugar", apoderar-se de seu ser, é preciso ser em seu lugar. Sim, porque não é possível ser completamente como outro ser, se aquilo que o caracteriza é justamente ser "outro", ser diferente. Teríamos aqui, na verdade, o princípio da negação de qualquer diferença, fundado no desejo de uma impossível fusão, já que a diferença seria sentida como ameaça radical ao próprio ser. Daí resulta que isso, concretamente, significa excluir, eliminar, exterminar. Só chegando a esse ponto que acaba a rivalidade... para recomeçar. O medo de perder o poder, de *não*



ser poderoso conduz, inexoravelmente, à violência do poder ou ao poder da violência. O que está na raiz da violência é o medo. O medo de não ser (morrer) impõe a lei do não ser (matar). É como um mecanismo de defesa prévia. Penso, por exemplo, que essa é a razão última da dominação masculina sobre a mulher. Sabendo-se fruto da mulher, o homem teme profundamente não achar o próprio espaço na vida, pois, em sua memória, sabe que ela é o todo, ele, a parte. Essa insegurança leva-o a assegurar-se um lugar pela violência².

12. Ora, esse medo tem sua raiz mais profunda na não-aceitação da própria condição existencial de ser limitado. É não-aceitação de si. Por isso, trata-se de um círculo de morte, apesar de toda a prepotente afirmação aparente de si. A partir do medo de perder-se, a pessoa não aceita a si mesma, por isso equivaleria a reconhecer sua própria limitação e relatividade. Ora, é justamente isso o que amedronta e gera sentimento de insegurança. É necessário, então, projetar numa imagem falsa, inautêntica de si mesmo: é o ídolo, que representa o poder absoluto e, assim, oferece a falsa segurança de salvação. O ídolo é, assim, projeção narcisista de si mesmo, imagem na qual se projeta a inautenticidade da condição vivida pela pessoa. Essa imagem é adorada, isto é, posta como centro de tudo, e a ela a pessoa se oferece em sacrifício.

É um círculo de morte. O sentimento narcisista nasce da não-aceitação de si. Mesmo que pareça exaltação de si, na verdade, é expressão da exclusão e da morte do *eu real*. Essa morte do eu real persistirá todo o tempo no sacrifício de si a serviço da imagem falsa e projetada. Por isso, para a pessoa envolvida nessa rede de inautenticidade, é impossível a experiência da felicidade, da harmonia, da unidade interior. Freud nos poderia ajudar muito com sua análise do narcisismo e dos mecanismos de projeção. Finalmente, quem exclui e extermina violentamente a outrem, com esse próprio ato está afirmando a possibilidade de também vir a ser excluído e exterminado. Ou seja, está admitindo, implicitamente, que outra pessoa se comporte da mesma maneira. É a isso que Dom Helder Câmara chamava de "espiral de violência". Violência gera violência porque já é, por si, afirmação de sua possibilidade, não teórica, mas muito concreta, em ato.

Assim, a percepção de seu poder limitado pode gerar sentimento de insegurança, e a insegurança gera o medo, medo de si, de sua própria realidade não-aceita. Na tentativa de vencer ou de fugir do medo, a pessoa não se aceita a si mesma e, por isso, se projeta numa falsa imagem de *onipotência* à qual se sacrifica e sacrifica o mundo, pessoas e coisas. O medo de não ter poder ou de perder o poder faz a pessoa agarrar-se a qualquer fatia de poder que, por ventura, detenha. Por isso, as

² Apresentei resumidamente o pensamento de Girard em "Combater a miséria ou excluir os miseráveis?" in CENDHEC, *Em defesa da Vida – Vale a pena a pena de morte?*, Ed. Paulinas, São Paulo, 1993, 118-130.



peças tímidas são, freqüentemente, autoritárias, e a agressividade denota medo frente ao adversário. Quando governos temem o povo, tornam-se ditatoriais e armam-se até os dentes na tentativa de abafar e aniquilar qualquer resistência. O egocentrismo narcisista é como um altar que se apropria das pessoas e das coisas de maneira insaciável, pois é preciso apagar a sede de totalidade. Tudo devora, até a si mesmo. A idolatria é isso, e nela se afunda a raiz da violência que é assassina e, porque se trata de totalidade e de radicalidade, é suicida. Seria bom ler a análise que se faz na Bíblia a partir do cap. 13 do Livro da Sabedoria, como também em certos salmos, por exemplo, nos Sl 135 e Sl 146, e em alguns textos do Segundo Isaías, por exemplo, em Is 44,9-20. a mesma coisa se pode ver em Rm 1 e em Ap 17 e 18.

O mito de Édipo, segundo Girard, é eloqüentemente expressivo desse mecanismo. Antes de tratar-se do conflito sexual, trata-se, ainda mais radicalmente, do conflito fundamental do poder sobre a totalidade da vida, e o sexo aparece como expressão privilegiada desse poder: potência. Ser como o pai exige, necessariamente, ser em seu lugar, ou seja, ser sem ele, exige matar o pai. Mas isso é, ao mesmo tempo, a tragédia de Édipo a mãe, antes de ser "objeto" do desejo sexual, é o símbolo maior do poder do pai, de sua "potência" sobre a vida. Mas Édipo, uma vez negada a alteridade, a diferença (o pai e a mãe), também já não tem lugar, já não pode ser, termina também ele destruído pelo círculo de morte que iniciara.

13. Como entender o caminho de pessoas que, na verdade, não se decidem a partilhar o poder nem a apropriar-se dele, simplesmente se submetem ao poder de outrem, aceitam a *servidão* e não se decidem pelo *serviço*. É o outro lado da medalha da idolatria. São pessoas que interiorizam o medo, renunciam à própria liberdade e, assim, fortalecem o processo de apropriação do poder por parte de outrem.

A condição de imaturidade leva a pessoa a desejar ser "bem tratada", como objeto, passivamente, a apropriar-se *parcialmente* da realidade, tê-la, de certo modo, para satisfação de seus desejos imediatos e parciais, mas sem pagar o preço exigido pelo passo de transcendência, sem arriscar a liberdade. De novo, é busca de segurança no ter, medo de "ultrapassar" e de arriscar a morte. É estar no círculo da idolatria, com medo de perder o pouco com que se conta.

É possível que, na raiz dessa atitude de sujeição esteja uma experiência profunda e difusa de *sofrimento* e de *sentimento* de rejeição. Evaldo Pauly, ao falar da relação entre pessoas oprimidas e autoridades públicas, diz-nos algumas coisas que podem ajudar-nos a compreender melhor a relação de servidão que se estabelece, muitas vezes, entre as pessoas:



A extrema carência da população provoca sua grande vulnerabilidade na relação com as agências públicas estatais (poderíamos dizer aqui: com qualquer pessoa ou instituição que apareça revestida de poder), além de o oprimido considerar a figura de autoridade máxima como onipotente e onipresente. Um sujeito que assim se constitui continua ligado a essa mãe imaginária, provedora, onipotente, por isso passa a identificar-se com o dominador.

E cita William Pereira:

Nesse quadro patológico de abandono, a pessoa ou os grupos oprimidos preferem num processo inconsciente, através de mecanismos psíquicos arcaicos, identificar-s com uma figura de autoridade, fascista, onipotente e patriarcal em busca de um gozo imaginário. Neste caso, tanto faz ser de direita ou de esquerda, pois o inconsciente desconhece ideologia³.

"Essa relação simbiótico-dependente é a compulsão à repetição daquela primeira experiência de vida da relação com a mãe".⁴ É o que se chama de "ser em fusão" ou de relação "especular", quando o ser não chega a ser com identidade própria, mas vive identificado com o que lhe é exterior como se fosse seu espelho. É o que Paulo Freire em sua reflexão pedagógica chama de "introjeção do opressor no oprimido". É a prisão no mesmo círculo da opressão; em termos teológicos, idolatria. Que terrível pensar que "esse quadro patológico de abandono" é a experiência elementar que tem da vida inumerável multidão de pessoas, abandono imposto pelas duras condições de pobreza e miséria ou pelos implacáveis mecanismos do sistema para manter o "status" do bem-estar e da riqueza. Em um artigo de jornal, o famoso antropólogo pernambucano Souto Maior falava, certa vez, sobre "meninos de rua e meninos de casa", igualmente abandonados, privados de convivência familiar e de afeto.

Na Bíblia, isso aparece claramente na dificuldade do povo de arriscar a passagem pelo mar (Ex 14,10-12), em seu desejo de voltar ao Egito antes que enfrentar o problema da fome no deserto (Ex 16,2-3), e no episódio do bezerro de ouro (Ex 16,2-3). O passo necessário para superar essa condição é a fé, isto é, a tomada de consciência – *leitura lúcida* – dessa condição, e a *coragem* de romper com ela. É essa, por exemplo, a perspectiva aberta pelo Evangelho segundo Marcos. É

³ William C.C.PEREIRA, *O Adoecer psíquico do subproletariado*. BeloHorizonte, SEGRAC, 1990, 71.

⁴ Evaldo Luis PAULY, *Cidadania e Pastoral Urbana*. IEPG-Sinodal, SaoLeopoldo, 1994, 60-61.



perceber que se está imerso na relação de idolatria ("conscientização"), alienado, sendo poder em outrem e, por isso, despossuído, expropriado do poder, como se vê, por exemplo, nas cenas de expulsão de demônios (Mc 1,21-28; 3,23-27; 5,1-14; 9,14-29). A tomada de consciência deve provocar a *conversão*, isto é, a "volta" a si, ao próprio **poder** de **sujeito**. Jesus sempre declara: "A tua fé te salvou". Em 1 Cor 1 a 4, o Apóstolo Paulo trata precisamente disto: "a palavra da Cruz" revela, faz tomar consciência ("conscientização") da realidade e, destarte, desmascara toda "sabedoria de palavra", cuja função é encobrir as verdadeiras condições da realidade ("ideologia", no sentido que Marx lhe dá, de "falsa consciência"). A palavra da Cruz provoca uma inversão (ressurreição) ao revelar que as pessoas e categorias consideradas *impotentes* (sem poder) e *ignorantes* (sem saber) são, na verdade, as que suportam e carregam o peso da vida e da organização da sociedade ("força de Deus", poder real) e têm a ciência da vida ("sabedoria de Deus"), consciência das condições reais da vida por sua intimidade com a dureza a existência⁵.

14. O caminho alternativo, como já se disse, não é ser *como*, mas ser *com*, a partir da aceitação profunda das diferenças, o eu é, em última análise, a aceitação dos próprios limites. Aceitar supõe *aceitar-se*.

Assim, frente ao poder, há *dois caminhos*:

- o da *apropriação*, que é o da opressão e do cativo, pelo qual se estabelece uma relação inautêntica consigo mesmo e com a totalidade da realidade – idolatria (inautenticidade da relação consigo), opressão (inautenticidade da relação com as pessoas) e necessidade de posse das coisas (inautenticidade da relação com as coisas, os bens). Nessa condição, os sinais de riqueza, do ter, são importantíssimos para mascarar a própria indigência interior, a insegurança e o medo. A tradição popular o intui quando fala da "galinha dos ovos de ouro" (os ovos são equiparados à merda), do "gato que caga dinheiro" ou do "Rei Midas" sob a maldição de já não poder sobreviver, pois tudo o que toca vira ouro. Aqui podem ajudar-nos as análises de Karl Marx sobre o dinheiro como fetiche (ídolo) e sobre nossas relações com as coisas como expressão e condicionamento de nossas relações com as pessoas.
- O do *serviço* e da *partilha*, quando a aceitação da própria condição existencial, de poder e de limite, leva a uma relação com as pessoas e com as coisas em que transparece a segurança de si e não mais o medo de sentir-se inferior ou vazio. Desse modo, pode haver submissão recíproca e partilha de bens sem temor, isto é, a relação com a totalidade da realidade se dá como relação de troca e de complementação.

A radicalidade do poder, de ser "*todo-poderoso*", é poder "*renunciar*" ao

⁵ Esbocei uma meditação sobre esse texto paulino em *Palavra da Cruz X Ideologia – Para que não se esvazie a cruz de Cristo* (1 Cor 1,17), da Série "Palavra na Vida", número 99, CEBI, São Leopoldo, 1996.



poder, ou seja, é a *capacidade* suprema de dispor de si a ponto de entregar-se, não "necessitar" mais de si, já não ser mais "carente", como Deus se revela em Cristo, conforme lemos em Fl 2,5-11 e, nas próprias palavras de Jesus, em Mc 10,35-45. É, assim, *capacitar* outras pessoas, ser capaz de comunicar poder, é **potenciar**: esse é justamente o dinamismo do **amor**, poder divino que faz de si o que quer – confere-se a si sua própria "natureza", como acontece com Deus, conforme se lê em Jô 1,14. por isso, compreende-se que a **cruz** seja **ressurreição** e derramamento do Espírito, como se vê, especialmente, no Evangelho segundo João. É, nessa chave, que se pode compreender a profundidade das palavras de Jesus sobre "perder a vida", para poder "achá-la" (Mc 8,35).

15. Para que isso seja possível, é preciso que, na base das relações da pessoa com a realidade, esteja um profundo sentimento de *confiança* e de abertura, ou seja, de amor. É justamente o que a Bíblia chama de fé, e que Lutero nos ajudou a compreender: superação do medo e do sentimento de culpa.

A fé é leitura lúcida da própria realidade, conhecimento autêntico, intimidade profunda consigo, consciência de si, o contrário da "ideologia" que vela e encobre. É também *coragem* para assumir esse conhecimento, vitória sobre o sentimento de medo. Portanto, capacidade que *possibilita* (confere poder) *obediência*. Na verdade, fé é *poder obedecer*, isto é, poder responder (ser capaz de dar atenção às necessidades de outrem). É escuta e acolhida das exigências que se nos impõem e que são, em verdade, as necessidades da realidade, dentro e fora de nós – mas essa própria fronteira já vai sendo eliminada no processo de unificação interior (a "via intuitiva" dos místicos), pois o que não sou vai sendo assumido como dimensão constitutiva do que sou. Para que isso aconteça, porém, a base de tudo deve ser radical confiança na vida, que arrebatava a pessoa a abrir-se para além de si (amor), a experiência da transcendência, possibilitada pela superação do medo de perder-se. Isso quer dizer que a atitude de serviço e de partilha é o exercício autêntico e humanizante do poder porque é, ao mesmo tempo, a negação da idolatria e, conseqüentemente, o ato de adoração do Deus vivo e verdadeiro. Ou seja, a experiência antropológica do poder é, necessariamente, a experiência teológica, isto é, experiência de Deus ou dos ídolos. Afirma-se a realidade do Deus vivo no ato mesmo de negar-se a qualidade de absoluto a qualquer ser particular. Ao aceitar a própria verdade existencial de poder e limite, a pessoa ultrapassa a si mesma pela confiança em que a totalidade da realidade a complete. É isso que se chama experiência de transcendência – experiência de Deus -, e o ser humano a faz na relação concreta com a realidade das pessoas e das coisas que se lhe apresentam como um horizonte que o atrai e sempre o ultrapassa e, assim, convida-o sempre a ir infinitamente além de si mesmo.

Isso pode ajudar-nos, quem sabe, a compreender melhor a Bíblia em sua crítica ao poder (por exemplo, a fábula das árvores em Jz 9,7-15, as admoestações de Jesus, na subida a Jerusalém sobre o poder e a riqueza, etc) e em sua maneira de falar da idolatria (nos textos proféticos, por exemplo), da fé e do amor (nos evangelhos e nas epístolas). Talvez nos ajude a perceber a profundidade antropológica e psicológica da



frase de João na 1ª epístola: "só o amor vence o medo". Com medo não se ama, é impossível abrir-se. O medo fecha e paralisa, pois "amar é arriscar sofrer". Por sua vez, só o amor é que faz vencer o medo: "O perfeito amor lança fora todo o temor". Só o amar é caminho de salvação, isto é, de felicidade (xalom), é encontrar-se quando já não se tem medo de perder-se: "Ganha a própria vida quem a perde..."

16. Parece claro que esse é o caminho da maturidade humana e da santidade. Por isso, ele não é fácil, já que se trata de pagar o preço da "subida" para tornar-se mais plenamente humano e "divinizar-se". Não é de estranhar que a questão do poder não tenha, de fato, solução humana definitiva, porque, na verdade, além de central na vida humana, é "sobrenatural", é a questão da "divinização". Aqui o testemunho da experiência de homens e mulheres que viveram intensamente a dimensão mística da vida, como os profetas, Jesus, o Apóstolo Paulo, Francisco de Assis, Teresa de Ávila, João da Cruz, Teresinha de Lisieux e tantos e tantas, pode nos ajudar muito. Nessa estrada, trata-se de confiança, de abertura, de serviço, de partilha, em suma, de superação do narcisismo pelo amor. O vocabulário da fé é clara indicação disso: "fides" (firmeza) tem a ver com "fidelitas" (fidelidade) e com "fidúcia" (confiança). Não se deve esquecer que, no Novo Testamento, a **obediência** não é uma virtude "moral", isto é, de relações humanas, mas dimensão da virtude "teológica" da fé: apenas se obedece a Deus, só que Deus nos chama através de mediações humanas da vida. Mas trata-se, pela "obediência que é a fé", de identificar-se com Deus mesmo.

É um mistério por que cada pessoa vai numa direção ou noutra. Muitas pessoas permanecem com medo; poucas, relativamente, assumem a coragem da liberdade e se lançam, confiantes para abrir-se às demais. Redenção, salvação tem a ver com maturidade, com passar do sentimento narcisista infantil a relações de confiança, de reciprocidade, próprias de gente adulta. Que fazer para que esse processo se dê, cada vez mais, com mais intensidade e mais abrangência, ou seja, para que cada vez mais gente amadureça e, assim, se humanize?

Desde antigamente, a intuição da humanidade tem sido a de que o caminho é o da pedagogia da liberdade. A Igreja fala de "pecado original", do qual é preciso arrancar as pessoas e redimi-las. Esse "pecado original" as condiciona e é como que confirmado por elas através de seus atos "sob cativoiro". É interessante meditar sobre as observações do Apóstolo Paulo a respeito de "ser escravo do pecado e da Lei", na Epístola aos Romanos. No contexto dessa reflexão, o "pecado original" pode ser identificado com o medo, a insegurança, a necessidade da falsa imagem de si, da idolatria. Em suma, pode ser identificado com o narcisismo, ou seja, imaturidade ou falta de saúde psíquica, que é, em última análise, a raiz da violência. Aqui podem adquirir novo sentido para nós os primeiros capítulos do Gênesis, que tratam justamente dessa questão.

Para superar o "pecado", é preciso "transportar" as pessoas e transferi-las, introduzi-las em novo espaço de relações – "Reino", "ecclesia"... – em novo ambiente



que lhes facilite dar o passo decisivo de confiança na vida. Isto é, trata-se de possibilitar novas relações mediante novas relações e novas estruturas de convivência ("ambiente", "Reino"). Vale a pena observar o vocabulário Paulino quando fala da redenção e do batismo. É preciso criar ambiente de confiança para que as pessoas se sintam confiantes e, assim, tenham coragem de dar o passo arriscado de confiar umas nas outras, o passo arriscado do amor, seguras de si para servir (relações interpessoais) e para partilhar (relações com ou mediante as coisas). Sim, porque serviço – serviço recíproco – não é alternativa para o poder, mas é, na verdade, a forma autenticamente humana de poder, isto é, de concretizar em múltiplas *possibilidades*, as múltiplas *capacidades* inerentes ao próprio *ser*. É processo permanente de *educação*, isto é, de tirar a partir de dentro – "educere" – deixar-se conduzir de dentro ("deixar-se conduzir" indica que esse processo é desencadeado por um elemento "de fora"). Voltamos aqui à vinculação profunda entre "interioridade" e relação com a totalidade da realidade, "exterioridade" que salva na medida em que se assimila interiormente. É a "via unitiva", o mesmo que dizer que a "identidade" é constituída pela "alteridade", é a realidade exterior (o "mundo" e as outras pessoas) que me faz ser eu mesmo. Aqui valeria a pena aprofundar as reflexões de Paulo sobre a superação da Lei pelo Espírito. É por esse processo educativo que se constitui a "autoridade" da pessoa, ou seja, ela vai-se tornando "auctor" (autor), sujeito do aumento ("auctor" deriva de "augere", aumentar, acrescentar, crescer), do crescimento de si mesma. Mas isso só é possível na comunhão com a totalidade da realidade. É a perspectiva holística segundo a qual *economia* (a lei da casa) e *ecologia* (a lógica da casa) se unificam em *ecumenismo* – a realidade vivida de maneira radicalmente relacional no interior do mundo como espaço *doméstico* (*casa*), de *relações elementares e construtivas do ser da pessoa à imagem do Deus trino*.

Assim, chegamos a todo o poder, à plena posse da realidade. Para a Bíblia, porém, isso só é possível em Cristo (abertura à transcendência) e em comunhão: somos poder, temos a posse do mundo, mas não somos simplesmente "herdeiros" ou "herdeiras", somos, sim, "co-herdeiros". Cada qual não é o Corpo todo, mas, sim, membro do único Corpo (1 Cor 12 a 14 e Rm12) que nos amplia para as dimensões da totalidade da criação, como se vê em escritos do Novo Testamento, como Colossenses, Efésios e o capítulo 8 de Romanos.